

Graça Rio-Torto

**Instituto de Língua e Literatura Portuguesas (ILLP); Centro de Estudos de
Linguística Geral e Aplicada (CELGA)
(Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)**

O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais

0. Ao longo de vários séculos o léxico foi encarado como um sector da língua dissociado da gramática. Mas não é esta a perspectiva que os conhecimentos carreados pelas ciências da linguagem, ao longo do último século, autorizam.

Com efeito, a reflexão levada a cabo pelas diferentes áreas e vias de especialização da linguística contemporânea tem dado a conhecer que léxico e gramática são como que duas faces da mesma realidade, contribuindo de forma complementar para a chamada competência léxico-gramatical dos falantes.¹

Léxico e gramática não são mais duas realidades indissociadas, a não ser em função de motivações metodológicas, que delimitam objectos materiais de análise diferenciados. A representação das peças léxicas inclui a representação das suas propriedades gramaticais, morfosintáticas e argumentais (ao nível do número, do esquema e das funções temáticas dos argumentos em jogo), bem assim como das propriedades semântico-conceptuais e instrumentais que sustentam o seu funcionamento em cotextos e em situações pragmáticas diversas.

Como tal, o estudo das unidades lexicais dum língua não pode fazer-se sem o suporte das regras gramaticais que as enformam e que norteiam a sua configuração e as suas condições de uso; do mesmo modo, o estudo da gramática consubstancia-se necessariamente no estudo das propriedades morfo-sintático-semânticas que caracterizam os signos da língua, nos seus diversos usos discursivo-textuais. Dos diferentes tipos ou níveis de propriedades por que se definem os signos dum língua, sejam as unidades lexicais ou as funcionais, destacam-se as propriedades gramaticais, uma vez que condicionam, em larga medida, o seu comportamento discursivo e a sua tipologia funcional. Mas também muitas das propriedades gramaticais são fortemente determinadas ou motivadas pelas propriedades léxico-conceptuais. A correlação entre estrutura argumental dum predicador e a sua estrutura temática podem ser invocadas como prova.

Em função da sua natureza, que é pluridimensional, o léxico — e, por conseguinte, o seu estudo —, não se confina a abordagens monodimensionais,

¹ Uma fundamentação mais circunstanciada desta posição encontra-se em Rio-Torto, *Léxico e gramática: identidade(s) e correlações* (em publicação).

envolvendo antes a morfologia das unidades lexicais que o integram, a semântica e a sintaxe interna e externa destas, o funcionamento discursivo-pragmático que os falantes delas fazem.

O Léxico é aqui encarado como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintáctico, semântico), das unidades sígnicas, consideradas em frase e em texto. A competência léxico-gramatical caldeia, para cada signo, as informações relevantes e necessárias para o cabal desempenho discursivo-pragmático deste.

A inter-relação entre léxico e gramática tem sido largamente evidenciada pela investigação levada a cabo no último meio século. Os desenvolvimentos em psicolinguística, em psicologia cognitiva e em neurociências da linguagem vêm demonstrando que o processamento da linguagem e dos signos linguísticos se faz de forma articulada e conexionística, complementando-se as diferentes dimensões — funcionais, gramaticais e lexicais, paradigmáticas, sintagmáticas e discursivas de uma palavra para a caracterização e para o funcionamento da mesma.

No léxico há (i) palavras invariáveis, isto é, de estrutura interna invariável, e (ii) palavras variáveis, cuja configuração morfológica é afectável por variação sintacticamente determinada, há (iii) palavras funcionais, como as preposições, as conjunções e os conectores em geral, e (iv) palavras ou combinatórias de palavras a que, por contraste com as gramaticais ou funcionais, e à falta de melhor denominação, se convencionou chamar de unidades lexicais.² Trata-se de nomes, de adjectivos, de verbos, mas também de unidades lexicais pluriverbais, mais ou menos abertas a variações na sua estrutura consoante o grau de (não)fixidez que as caracteriza, .

As unidades lexicais, no seu todo, e em cada um dos seus termos constituintes, são portadoras de significação lexical e/ou de significação gramatical. A gramática de uma unidade lexical não é dissociada da sua significação léxico-gramatical, da estrutura conceptual que a suporta, e do universo referencial para que remete.

Um exemplo simples mas ilustrativo da interacção léxico-gramática é o que se prende com a topologia das marcas de concordância e de flexão.

No âmbito das palavras sensíveis a propriedades flexionais e gramaticais, existem as que o são apenas internamente (1-2), ou seja, em que os seus constituintes

² As fronteiras entre gramaticidade e lexicalidade são permeáveis e escalares, havendo exemplares mais prototípicos e menos prototípicos de cada uma das categorias, encaradas como escalarmente dispostas. Para a análise desta realidade em português, ver Rio-Torto, 2002.

autorizam marcas de flexão de número ou impõem determinadas marcas de género (cf. (1) a. vs (1) b.), por exemplo, as que são flexionáveis interna e externamente (3-6) e as que apenas são marcáveis externamente quanto a alguma dessas propriedades (7-9: contraste de número em (7) e (8) e contraste de género em (4) e (9), sempre na margem direita da palavra). Esta tripla possibilidade tem a ver com o modo como unidades e seus constituintes são processada/os semanticamente na sua constituição interna, pelo que a gramática reflecte a semântica e a semântica reflecte-se na gramática, sendo complementares e interactivas.

- | | |
|----------------------------------|----------------------|
| (1) a. rústicamente | (1) b. *rústicamente |
| (2) navio(s)-escola | |
| (3) surdo/a(s)-mudo/a(s) | |
| (4) compositor/a-autor/a | |
| (5) a. pão-zinho-s | (5) b. *pãozinhos |
| (6) compositor(es)-intérpret(es) | |
| (7) sapato(s) | |
| (8) sapatinho(s) | |
| (9) auditor/a | |

Estes exemplos sinalizam já a consubstancial co-articulação entre as componentes lexical e gramatical do signo, nomeadamente quando estão em jogo contrastes de número ou de género gramatical, que se fazem acompanhar de contrastes semânticos entre [singularidade] e [pluralidade] e entre [ser humano macho] e [ser humano fêmea]. Mas para sustentar de forma mais intensa essa correlação, serão ainda avocadas outras propriedades para além das atinentes à concordância e à flexão, tais como a determinação, a pluralização, a quantificação, a adverbialização, a intensificação.

1. Destina-se esta secção a reflectir, de forma empiricamente sustentada, sobre algumas das diferentes modalidades de manifestação da interacção léxico-gramatical.

Partimos do pressuposto de que as unidades lexicais se caracterizam pela sua maior ou menor complexidade estrutural, ou seja, por uma morfologia mais e menos complexa, pela sua maior ou menor extensão, pela sua maior ou menor opacidade interna e/ou externa, seja pela sua diversa opacidade ou transparência semânticas, seja pela sua diversa (não)opacidade sintáctica.

Vamos tomar como objecto empírico de estudo unidades lexicais derivadas, unidades lexicais compostas e expressões lexicais de vários tipos,³ a fim de observar

³ Sobre a problemática da delimitação e tipologia das unidades lexicais ver Basílio, 1999 e Biderman, 2005.

em que medida e de que modo nelas interagem semântica e gramática, quais os graus de correlação e de coesão entre estrutura gramatical e estrutura lexical.

Mais especificamente, o objectivo consiste em analisar a correlação entre compactação e opacidade morfológico-sintáctico-semântica, no sentido de averiguar se (maior/menor) fixidez e opacidade semântica e lexical caminham a par, ou não, com (maior/menor) imutabilidade gramatical.

Para tal, torna-se operacional tomar como objecto de análise unidades lexicais de estrutura interna marcada por diferentes graus de complexidade, e gizadas no âmbito de mecanismos genolexicais diversos.

Vão ser consideradas unidades lexicais geradas por:

- (i) processos morfológicos de derivação afixal
- (ii) processos de composição morfológica
- (iii) processos de composição sintagmática ou morfossintáctica
- (iv) processos sintácticos de formação de compostos lexicais em que se combinam verbos-leves e nomes.

1.1. Derivados afixais

A derivação afixal envolve um radical (cf. Quadro 1, coluna B) e ou um tema (cf. Quadro 1, coluna A) e um afixo.

O constituinte de base não é pois o nome, o adjectivo ou o verbo, marcado pelas suas propriedades gramaticais de género e de número, ou de tempo-modo e de pessoa-número, mas um constituinte preso, categorizado como radical ou como tema não autónomos alojados no interior do produto derivacional, e portanto não sensíveis a propriedades de concordância. Só o produto final pode ser marcado pelas suas propriedades flexionais de número, de género, de tempo-modo e de pessoa-número. Em português, estas marcas (i) de género e de número, e (ii) de tempo-modo e de pessoa-número estão em adjacência à direita do radical nominal (i) ou do tema verbal (ii), respectivamente.

No quadro que se segue, e em que estão representados os principais padrões isocategoriais e heterocategoriais de derivação em português, constata-se que são os radicais e os temas, por definição invariáveis flexionalmente, que estão na base dos produtos lexicais. Para não sobrecarregar com notações formais o quadro, e porque a classes categoriais das bases e dos produtos se encontram explicitadas na coluna da esquerda, dispensamo-nos de categorizar expressamente os produtos. Para facilitar a sua leitura, os produtos são também apresentados com os marcadores de classe (nominal e adjectival) e na forma citacional de infinitivo, no caso dos verbos.

RV equivale a radical verbal, **RN** a radical nominal e **RA** a radical adjectival.

Classes sintácticas Base → Produto	A. Classe morfológica de base: Tema Verbal (TV)	B. Classe morfológica de base: Radical (R)
1. V → A	[abunda]TV nte [louva]TV vel [tenta]TV dor	[aldrab]RV ão [chup]RV ista [execut]RV ivo/a
2. V → N	[entendi]TV mento [persegui]TV ção [sonda]TV gem	[aldrab]RV ice [facilit]RV ismo [tropeç]RV ão
3. V → V		[saltit]RV ar [escrevinh]RV ar
4. A → V		[escur]RV ecer [fragil]RV izar [solid]RV ificar [fals]RV ear
5. A → N		[familiar]RA idade [obes]RA idade [sensacional]RA ismo [virtuos]RA ismo [sensat]RA ez
6. A → A		[tol]RA inho [grand]RA ote [sentimental]RA ão [formos]RA íssimo [fugid]RA io
7. N → A		[conjuntur]RN al [aventur]RN eiro [parlament]RN ar [ocean]RN ico
8. N → V		[cabec]RN ear [got]RN ejar [favor]RN ecer [rumor]RN ejar [valor]RN izar [class]RN ificar

9. N — > N		[folh]RN agem [arvor]RN edo [canel]RN ada [vasilh]RN ame [sapat]RN inho
------------	--	---

Quadro 1

Para comprovar a não possibilidade de a base ser sensível à flexão, invocam-se os casos mais paradigmáticos e mais ilustrativos em que as bases são radicais não presos e coincidem, portanto, com a configuração da palavra autónoma, como os que se apresentam no Quadro 2, na Coluna A. Nos casos em apreço, à base está vedada qualquer marca de flexão. A agramaticalidade de tal procedimento está patente na coluna B.

A. Configurações de base aceitáveis	B. Configurações de base inaceitáveis
[fragil]RA izar	[*frageis]RA izar
[valor]RN izar	[*valores]RN izar
[rumor]RN ejar	[*rumores]RN ejar
[favor]RN ecer	[*favores]RN ecer
[familiar]RA idade	[*familiares]RA idade
[sensacional]RA ismo	[*sensacionais]RA ismo
[sentimental]RA ão	[*sentimentais]RA ão

Quadro 2

Casos de fronteira entre os derivados acima descritos e os compostos que serão objecto de análise em 1.2 são os chamados -z-avaliativos (Quadro 3) ⁴ e os advérbios sufixados em *-mente* (Quadro 4). Em ambos os casos é possível que a flexão de género (Quadro 4) ou de número (Quadro 3) afecte o constituinte de base, verificando-se portanto marcação flexional interna e/ou externa.

Nos exemplos de z-avaliação apresentados no Quadro 3, as colunas A e B evidenciam, por contraste, que a flexão externa não é condição suficiente de boa formação ou de conformidade gramatical ⁵.

A.	B.
pãezinhos	*pãozinhos
lençoizinhos	*lençolzinhos
aneizinhos	*anelzinhos

Quadro 3

No caso dos advérbios em *-mente* (Quadro 4), a flexão interna de género é impositiva e muito específica, pois obriga à marca de [-masculino] (Coluna A), assim se explicando a agramaticalidade das configurações representadas na coluna B.

A.	B.
generosamente	*generosamente
boamente	*bommente
vãmente ‘em vão’	*vãmente

Quadro 4

Todavia, nos demais casos de z-derivação (RioTorto, 2005), a base apresenta-se opaca à flexão interna. A marca de número apenas pode estar presente na fronteira direita do derivado (categorizável como [+contável]), tendo escopo sobre a sua

⁴ Para uma visão mais sistemática das configurações sufixais e z-sufixais em português e das condições de ocorrência e estatuto de -z-sufixos em português, veja-se Rio-Torto, 1999-2000 e Rio-Torto & Pereira, 2003.

⁵ A diversidade de comportamentos dos z-avaliativos revela-se, entre outros aspectos, pelo facto de em casos como *dorzinhas* (*dore(s)zinhas) e *colarzinhos* (*colare(s)zinhas), a flexão externa ser condição suficiente de boa formação ou de conformidade gramatical.

totalidade. O Quadro seguinte evidencia, pelo contraste entre as colunas A e B que a derivação z-sufixal, que não z-avaliativa, é incompatível com bases marcadas flexionalmente. Sublinhe-se, contudo, que sob o ponto de vista semântico nada obstará a que as bases dos derivados em apreço se apresentassem no plural, denotando *papeladas* ‘conjunto de papéis’, *meloal/meloais* ‘campo(s) de melões’, *rojãozeiro* ‘amigo de rojões, que aprecia rojões’, *fanfarronice(s)* ‘atitude(s) de fanfarrões’.

Sufixo	A. Produtos aceitáveis	B. Produtos inaceitáveis
-ada	<i>papelada(s)</i> <i>canzoada(s)</i>	*papeizada(s) *cãezoadada(s)
-al	<i>meloal /meloais</i>	*melõezal/*melõezais
-aria	<i>papelaria(s)</i> <i>falcoaria(s)</i>	*papeizaria(s) *falcõezaria(s)
-eir-	<i>rojãozeiro(s)</i>	*rojõezeiro(s)
-ice	<i>fanfarronice(s)</i>	*fanfarrõezice(s)
-ismo	<i>paternalismo(s)</i>	*paternaizismo(s)

Quadro 5

1.2. Compostos morfológicos

No âmbito da composição morfológica estão envolvidos dois radicais, sendo pelo menos um não autónomo (10-15).

(10) *cardio-* e *-logia*, em *cardiologia*

(11) *taqui-* e *-cardia*, em *taquicardia*

(12) *tecno-* e *-cracia-*, em *tecnocracia*

(13) *crono-*, em *cronómetro*

(14) *hemo-*, em *hemoglobina*

(15) *ibero-*, em *ibero-americano*

Como é sabido, por definição um radical não autónomo não é marcado por propriedades flexionais. Nestes compostos morfológicos, a flexão actua sobre o composto na sua totalidade, e não sobre alguns dos seus constituintes internos (*taquicardia(s)*, *cronómetro(s)*, *tecnocracia(s)*). Os contrastes assinalados em (16-23) ilustram esta realidade.

- (16) *taquicardia(s)* vs **taquiscardias*
- (17) *cronómetro(s)* vs **conómetros*
- (18) *tecnocracia(s)* vs **tecnoscraçias*
- (19) *eleitor ibero-americano, desempregado mas não socialmente excluído*
- (20) *eleitora ibero-americana vs eleitora *ibera-americana*
- (21) *eleitores ibero-americanos vs eleitores *iberos-americanos*
- (22) *eleitoras ibero-americanas vs eleitoras *iberas-americanas*
- (23) *situação socioeconómica vs situação *socio-económica*

1.3. Compostos sintagmáticos ou morfossintáticos

Os casos de composição sintagmática envolvem diferentes padrões de composicionalidade, tendo por denominador comum a adunção de duas ou mais palavras autónomas (NN, NA, AN, VN), eventualmente interligadas por preposição (NPrepN).⁶

Não há unanimidade de concepção e de denominação das unidades em apreço, que são fruto de um processo de composição já não apenas morfológica, porque não estão em jogo estruturas morfológicas presas, mas de um processo de composição morfossintática ou sintagmática, envolvendo duas ou mais estruturas morfológicas autónomas, que se agrupam para formar um sintagma semântica e referencialmente uno (cf. *limpa-pára-brisas*), e morfológicamente opaco, a não ser a fenómenos de concordância. Estas unidades lexicais pluriverbais têm também sido chamadas de "lexias complexas", "unidades léxicas complexas", ou até "unidades fraseológicas complexas", mormente, mas não exclusivamente, quando está em jogo o esquema NPrepN (*moinho de vento, tecnologias da informação, [produto] chave na mão, rádio-gravador-leitor de CD*), ou o de NAA (*sistema nervoso central, sistema nervoso periférico*).

Como se pode observar em Sanromán, 2001, são particularmente problemáticas as fronteiras entre estruturas NA que representam colocações, ou seja, combinatórias lexicais restritas, ou semi-frasemas, como *erro clamoroso*, e quase-frasemas, como *ovo estrelado* ou *centro comercial*, para recorrer aos exemplos que este autor apresenta. De igual modo, os critérios invocados para classificar como "expressões sintáticas lexicalizadas" (Vilallva, 2003) compostos do tipo *amor-perfeito, fita magnética, pés-de-galinha*, não são suficientemente eficazes para os diferenciar claramente dos demais compostos morfossintáticos, porque tais critérios relevam da coesão e da opacidade

⁶ Em Villalva, 2003 os compostos que aqui denominamos de sintagmáticos distribuem-se por duas subclasses: a dos compostos morfossintáticos (NN, NA, AN, VN) e a das expressões sintáticas lexicalizadas (*amor-perfeito, pés-de-galinha, fita magnética*).

semânticas, de que comungam muitos (outros tipos de) compostos (cf. *roleta russa*, *pára-raios*, *quebra-luz*). Porque apresentam um comportamento semântico e morfossintáctico comum aos demais compostos sintagmáticos, incluímos as "expressões sintácticas lexicalizadas" no mesmo conjunto de compostos não morfológicos.

Independentemente das denominações metalinguísticas usáveis, as unidades lexicais em apreço, ainda que lexicalmente complexas, funcionam como uma única unidade lexical categorialmente falando — no caso das acima mencionadas trata-se em todos os casos de nominais — e apresentam uma elevada coesão semântica. Essa coesão pode envolver maior ou menor transparência composicional, maior ou menor opacidade e iconicidade, sendo que a cristalização varia na razão directa da sua imutabilidade.

É essa imutabilidade que as faz resistir parcial ou totalmente a alterações configuracionais internas e/ou no âmbito da determinação, da modificação, da variação lexical e até da flexão, como em (24).

Daí a necessidade de encarar a possibilidade de variação ou de não variação destas estruturas de forma escalar.

Não há uniformidade de padrões no que diz respeito à expressão da variação flexional dos termos do composto: casos há em que a variação flexional é totalmente interdita (24), outros em que só um dos termos é variável em número (25 e 26), outros em que ambos os termos admitem variação de número e por vezes até de género (27).

Em (24), estamos perante compostos VN: tal como nos verbos formados por afixação, a forma verbal incorporada nesta estrutura perde as suas propriedades flexionais, sendo o composto marcado internamente por opacidade gramatical, e em particular morfológica. O produto, interpretado como fruto de uma reanálise de uma estrutura sintáctica ou frásica numa palavra —, é sintacticamente categorizado como nome. Tendo havido lugar a uma desverbalização da estrutura verbal, as propriedades gramaticais típicas do verbo deixam de ser relevantes e operantes. A mesma opacidade à variação flexional se verifica em estruturas do tipo VV (*corre-corre*, *vai-vem*) e V conj V (*vai e vem*), também categorizadas como nomes.

(24) *abre-latas* (**abres-latas*, **abrir-latas*), *corta-mato* (**cortas-mato*, **cortar-mato*), *faz-tudo* (**fazes-tudo*), *guarda-jóias* (**guardam-jóias*, **guardar-jóias*), *porta-aviões* (**portam-aviões*), *quebra-cabeças* (**quebras-cabeças*, *quebrar-cabeças*), *quebra-gelo* (**quebras-gelo*, **quebrar-gelo*), *saca-rolhas* (**sacam-rolhas*, *sacar-rolhas*)

Em muitos destes casos o nome já se encontra no plural, mas o produto nominal de que faz parte pode denotar um só objecto (um *abre-latas*, um *guarda-jóias*, um *porta-aviões*, um *quebra-cabeças*, um *saca-rolhas*), ou uma pluralidade deles. São raros os exemplos em que o termo nominal do composto se apresenta no singular e não é passível de pluralização, como *tudo*, em *faz-tudo*). Nos casos em que o termo nominal do composto se apresenta no singular e é passível de pluralização, o produto continua a denotar um objecto singulativo e discreto: *um corta-mato(s)*, *um quebra-gelo(s)*. A natureza essencialmente densa deste nomes faz com que a sua utilização no singular seja a mais canónica.

As estruturas em análise são completamente opacas a modificação da sua configuração interna, e não apenas no que à flexão diz respeito. Os nomes não são passíveis de determinação (**abre (est)as latas*, **quebra (est)as cabeças*), de quantificação (**guarda muitas jóias*, *saca várias rolhas*), e os termos verbais não são passíveis de adverbialização (**quebra muito a cabeça*, **corta intensamente mato*).

Nos casos (25-26) só um dos termos do composto é explicitamente afectado pelas propriedades de concordância e de flexão.

O que se passa em 25-26 é que só o termo nuclear do composto é explicitamente marcado pela flexão, assegurando assim que todo o composto o é (*dois navios-escola aportaram em Lisboa; aplicaram vários raios-laser; houve dois ataques-surpresa esta noite*). Com efeito, é o composto na sua totalidade que é sensível às propriedades de concordância, mas só o nome determinado, e não o adjectivo ou o substantivo que tem funções predicativas ou o Sintagma Preposicional com função de modificador é explicitamente marcado pela flexão. Como se trata do nome nuclear do composto sintagmático, torna-se desnecessário reduplicar as marcas de concordância.

(25) *cidade(s)-dormitório, escola(s)-piloto, navio(s)-escola, sofá(s)-cama, carro(s)-bomba, homen(s)-rã, raio(s) laser, cara(s) metade, pombo(s)-correio, verbo(s)-suporte*

(26) *barco(s) a remos, centro(s) de baixas pressões, cheque(s) ao portador, dona(s) de casa, faixa(s) de rodagem, fio(s) de alta tensão, lua(s) de mel, mercado(s) de capitais, pés-de- galinha, tecnologias da informação, travão/ões de mão, tromba(s) de água, poste(s) de alta tensão*

Os compostos em análise são avessos a qualquer modificação da sua configuração interna, seja no que diz respeito à determinação (**barco aos remos*, **travões da mão*, **fio(s) da alta tensão*), à adjectivação (**cheque ao virtual portador*, **mercado(s) de bons capitais*, **faixa(s) de rápida rodagem*) ou à variação de número, quando se apresentam convencionalmente no plural (**pé-de-galinha*).

Nos casos elencados em (27), ambos os termos aparecem marcados pela flexão de número, uma vez que se trata de estruturas NA (*assistente(s)-social(is), condomínio(s)-fechado(s), conta(s) corrente(s)*), ou AN (*curta(s)-metragen(s), mau(s)-olhado(s), segunda(s)-feira(s)*), em que a concordância inter-termos é obrigatória.

Além da variação em número, a concordância em género é activada sempre que os compostos denotam (*compositor(a)-autor(a), médico/a(s)-dentista(s)*) ou predicam (*surdo/a(s)-mudo/a(s)*) seres animados, configurando estruturas prototípicas de coordenação.

(27) *amor(es)-perfeito(s), assistente(s)-social(is), ataque(s)-suicida(s), banca(s)-rota(s), banda(s)-sonora(s), bebida(s) alcoólica(s), compositor(a)-autor(a), compositor(es)-intérprete(s), condomínio(s)-fechado(s), conta(s) bancária(s), conta(s) corrente(s), curta(s)-metragen(s), fita(s) magnética(s), jornalista(s)-escritor(es), mau(s)-olhado(s), médico/a(s)-dentista(s), mesa(s)-redondada(s), navio(s)-mercante(s), nó(s)-cego(s), roleta(s)-russa(s), segunda(s)-feira(s), sistema(s)-operativo(s), surdo/a(s)-mudo/a(s), tradutor(es)-intérprete(s), verbo(s)-leve(s), via(s)-verde(s), vinho(s)-branco(s)*

Com ressalva da variação imposta pela concordância sintáctica, uma vez mais estes compostos são opacos à modificação da sua configuração interna. O adjectivos não são passíveis de intensificação ou de atenuação (28), sendo raros os casos em que a modificação adverbial é aceitável (*bebidas muito alcoólicas, ?ataque intensamente suicida*).

(28) *verbo(s) muito/pouco leve(s), *via(s) muito/pouco verde(s), *economia muito/pouco paralela, *conta(s) muito/pouco corrente(s), * nó(s) muito/pouco cego(s))

De igual modo, não é comum a substituição do adjectivo por outro semanticamente equivalente (29-30).

(29) *Cruz Vermelha* (instituição), e não **Cruz Encarnada*, apesar de em português europeu alternarem com facilidade e frequência os dois adjectivos *vermelho* e *encarnado* (cf. *gravata vermelha* ou *gravata encarnada*), ainda que *encarnado* seja mais tipicamente usado no português centro-meridional.

(30) Também *condomínio-fechado*, mas não **condomínio cerrado*, *vinho branco*, mas não **vinho alvo*, *vinho tinto*, mas não **vinho tingido*, *caixa negra*, mas não **caixa preta*, *bancarrota/banca-rota*, mas não **banca rompida*, *meias-tintas*, mas não **médias-tintas*.

Nos compostos de (27) o adjectivo não tem por função denotar uma propriedade accidental e episódica do nome, como nos sintagmas de combinatória livre *criança traquina, prédio antigo, pessoa egocêntrica*. Nestes casos, em que o adjectivo predica uma propriedade do nome que modifica, é possível a nominalização daquele: *a traquinice da criança; a antiguidade do prédio; o egocentrismo da pessoa*. Aqui, o adjectivo tem valor qualificativo. No caso dos compostos o adjectivo tem valor essencialmente classificativo (*energia solar, energia eólica, energias renováveis*).

Em *banda-sonora* de um filme, o adjectivo *sonoro* tem valor classificativo, e não qualificativo, não equivalendo a '(muito) audível', como em *voz sonora*. Neste, como nos demais casos de compostos, as nominalizações não são aceitáveis: *efeitos especiais*: *a especialidade dos efeitos; *mercado negro*: *a negridão do mercado. Também a intensificação do adjectivo *social*, em *assistente muito social*, convocaria uma leitura literal equivalente a 'sociável' ou 'muito conhecida na sociedade'. Ora, não é esse o sentido com que o adjectivo ocorre convencionalmente em *assistente social*, em que o composto equivale a 'assistente com funções sociais', pelo que o adjectivo tem nele valor classificativo, e não qualificativo. Esta realidade é corroborada pela impossibilidade de coordenação dos adjectivos presentes em compostos NA com termos com a mesma natureza sintáctica, como *energia solar e gratuita, *banca rota e falida, *transportes urbanos e cómodos. A inaceitabilidade destas combinatórias é devida ao valor classificatório que o adjectivo presente nos compostos tem (*solar, urbano*) ou adquire (*rota*), e que sobressai por contraste com o valor qualificativo dos adjectivos cuja coordenação está vedada. Essa impossibilidade combinatória atesta simultaneamente a opacidade e a cristalização formal e semântica do composto.

A opacidade configuracional, traduzida na impermeabilidade à inserção de outras unidades no seu interior, bloqueia o composto a toda a qualquer variação que não seja determinada pela concordância, de número e/ou de género. É essa opacidade configuracional e semântica que assegura a sua coesão interna, ou seja, que se trata de lexias complexas estrutural e semanticamente unas.

No conjunto dos compostos em análise há exemplares que acusam enorme resistência a qualquer variação, mesmo que flexional. Não são gramaticalmente flexionáveis, por exemplo, *efeito de estufa, livre concorrência*. O mesmo se diga de expressões que só ocorrem no plural, como *finanças públicas, bodas de prata*, e que não admitem portanto singular gramatical. De igual modo, expressões como *livre flutuação de preços, livre fluxo de informação*, ainda que em teoria possam permitir-se a variação em número (*flutuações, fluxos*), seriam abaladas na sua configuração mais convencional, uma vez que as combinatórias de co-ocorrência preferencial dos seus

termos é a mais inespecífica e genericista, que não envolve portanto pluralização interna.

Admitindo a pluralização, a lexia *banda desenhada* deixa de ser sentida como um composto, ou seja, como uma expressão denotacionalmente una, com uma significação algo lexicalizada; nesse caso a interpretação semântica deixaria de ser não composicional para passar a sê-lo, denotando então o sintagma quaisquer bandas ou faixas desenhadas, isto é, decoradas com desenhos, e não a modalidade de expressão artística que se convencionou denominar por BD.

1.4. Compostos lexicais [Verbo-leve + nome]

Observemos, por fim, expressões verbais em que se combinam verbos-leves e nomes, que Basílio (2003) denomina de compostos lexicais, e que concebe como sendo gerados por processos sintáticos de formação de unidades lexicais.

Neste âmbito co-ocorrem um verbo-leve, como *dar, fazer, ter, estar*, no pleno gozo das suas propriedades de variação flexional, e um nome, muitas das vezes, mas nem sempre, deverbal e de evento.⁷ No que ao nome diz respeito, casos há de total opacidade combinatória e variacional, e casos em que alguma modificação interna e/ou alguma combinatória é possível.⁸

As estruturas em análise distribuem-se por dois padrões, representados em (31) e em (32).

(31) DAR/FAZER/TER N:

dar passagem, dar prosseguimento, dar razão, dar início, dar cumprimento, dar autorização, dar resposta a
fazer pressão, fazer ginástica, fazer exercício, fazer fisioterapia, fazer batota

dar tempo (ao tempo)

ganhar tempo

passar fome, passar frio

ter conhecimento, ter (a/uma) impressão, ter noção, ter coragem, ter medo, ter

dó, ter paciência, ter pena, ter relação com, ter vergonha na cara

tomar conhecimento

⁷ Sobre as propriedades dos verbos-leves ver Duarte, 2003; para as diferentes compatibilidades dos verbos-leves *dar, fazer* e *estar* com nomes deverbais, ver Duarte et al., 2006. Sobre as propriedades centrais dos verbos-suporte veja-se Athayde, 2001 e 2005.

⁸ Uma circunstanciada panorâmica do comportamento destas estruturas que envolvem nomes e verbos-suporte encontra-se em Neves, 1996 e em Athayde, 2001 e 2005.

(32) DAR/FAZER/TER um N:

dar um grito, dar um salto, dar uma ajuda, dar uma facada, dar um soco, dar um beliscão, dar uma pincelada, dar um tempo

fazer uma pergunta, fazer uma viagem

ter um enfarte

tomar uma atitude, tomar uma decisão

Em (31) o nome, com a configuração com que se apresenta, não é susceptível de determinação (*dar *o prosseguimento, *fazer a ginástica, *fazer a batota*), de variação de número (**dar razões, *dar tempos, *ter paciências, *fazer batotas*), até porque em muitos casos se trata de um nome [-contável]. Alguns nominais só ocorrem no plural (*ter dúvidas, ter compromissos, ter alucinações, prestar declarações*), e outros admitem as duas formatações (*prestar esclarecimentos(s)*).

Em alguns casos o nome pode admitir quantificação (*fazer muitos sinais*) ou intensificação/atenuação (*fazer grande/pouca pressão, ganhar bastante tempo, ter muito/pouco medo, ter muita paciência, ter pouca vergonha*)

Casos há em que a expressão é opaca a todas estas propriedades (*fazer parte de, tomar conhecimento*).

Em (32) o nome é tipicamente precedido de determinante, assim se explicando a inaceitabilidade de (33).

(33) **dar grito, *dar salto, *dar facada, *dar beliscão, *dar pincelada*

**fazer pergunta*

**ter enfarte*

**tomar atitude, tomar decisão*

Em alguns casos, mormente quando em simultâneo com modificação adjectival posposta, o nome é susceptível de determinação (*tomar a atitude/decisão certa, tomar esta atitude, dar algumas facadas*), e admite variação de número (*dar gritos, saltos, facadas, fazer perguntas, tomar decisões*), e quantificação (*dar quatro saltos, dar cinco facadas, fazer sete perguntas, tomar duas decisões*), fazendo jus à natureza tipicamente [+contável] e [+discreta] do que denota.

Frequentemente, e por vezes em simultâneo com a quantificação, é admitida adjectivalização pré-nominal ou post-nominal (*ter um grande/terrível enfarte, ter dois grandes/terríveis enfartes; dar quatro gritos lancinantes; dar duas facadas mortais; dar duas fortes cotoveladas*).

A possibilidade de alteração da configuração destas estruturas tem motivado o seu reenquadramento, situando-as a meio caminho entre expressões ou combinações fixas, como os fraseolexemas, e expressões de combinatória livre e variável (*livro de geografia*).

Assim, haverá que distinguir (i) expressões ou combinações fixas, à cabeça das quais as expressões idiomáticas ou fraseolexemas (*passar as passas do Algarve, pôr as barbas de molho, cair no conto do vigário*), as mais imutáveis,⁹ que funcionam como um bloco unitário, fixo e cristalizado semântica e sintacticamente, em que apenas o verbo principal pode variar flexionalmente; (ii) expressões semifixas, nas quais se incluiriam as de verbo-leve+nome; e (iii) expressões variáveis, em função do grau de fixidez semântica que apresentam e do grau de alterações morfossintáticas que autorizam.

Mas como o contraste entre (31) e (32) permite observar, a escalaridade afecta também os diferentes subtipos de estruturas que envolvem verbo-leve+nome. Em todo o caso, estas sequências de unidades lexicais co-ocorrentes ou colocacionais são semanticamente transparentes (*ter dúvidas, ter coragem*) e admitem um grau de variação formal que contrasta com outros compostos sintácticos marcados por maior rigidez configuracional.

Se comparadas com os verbos correlatos, quando existem, e não sendo sequer equivalentes do ponto de vista semântico (*dar um grito e gritar; dar uma ajuda e ajudar; fazer pressão e pressionar; ter conhecimento e conhecer, dar um beliscão e beliscar*), as estruturas com verbo-leve revelam uma maior ductilidade e riqueza informativas (cf. Neves, 1996), que o verbo correlato não se permite, pois não beneficia da conjunção da semântica do verbo-leve, da do nome e das estruturas de especificação e/ou de modificação que os podem afectar.

3. Passadas em revista diversas modalidades de combinatórias de unidades lexicais, importa ressaltar algumas das propriedades comportamentais comuns e evidenciar os aspectos diferenciadores, no sentido de averiguar em que sentido se orientam as correlações entre fixidez estrutural — de configuração morfológica interna — e fixidez e cristalização semânticas. Excluimos da presente consideração a variação flexional motivada pela concordância, por esta ser impositiva, e não obstante ela afectar de modo diverso os produtos lexicais.

⁹ Ainda assim, Christine Hundt, que define fraseolexemas como «*unidades lexicais complexas* (resultando do agrupamento de pelo menos dois lexemas) *de estrutura sintáctica e semântica relativamente estável e de um significado total figurativo* (isto é, idiomático), (mentalmente) *reproduzíveis* e, portanto, *lexicalizados*, p.e., ‘conhecer alguém de gingeira; apanhar alguém com a boca na botija; dizer cobras e lagartos» (1995, p. 157: itálicos da autora), admite uma escala de variação em função do grau de opacidade semântica (*andar com pezinhos de lã, ferver em pouca água, roer a corda vs puxar a brasa à sua sardinha, estar com os azeites*) e/ou morfossintáctica.

Os derivados heterocategoriais estudados — verbos derivadas afixalmente —, os **compostos morfológicos**, os **compostos sintagmáticos** ou **morfossintáticos**, distribuem-se por uma escala de imutabilidade constitucional e de fizidez configuracional que se traduz pela impossibilidade de inserção de material lexical novo entre os seus termos e pela tendencial rejeição de especificação, de modificação ou de complementação de qualquer um dos seus termos.

No caso dos verbos derivados afixalmente, em que os seus termos constituintes são um tema e um afixo, ambos por definição termos presos, e no caso dos compostos morfológicos, em que pelo menos um dos seus termos é também uma unidade lexical presa, não seria de esperar outra coisa senão a total inalterabilidade da configuração dos constituintes combinados e co-ocorrentes. Mais do que produtos opacos, muitos dos verbos afixalmente derivados prestam-se a uma ambivalência — senão mesmo a uma pluralência — de leituras (Rio-Torto, 2004) que o cotexto se encarrega geralmente de esbater.

Mas no âmbito da derivação, ou a meio caminho desta com a composição, existem produtos afixados, como os advérbios em *-mente* e os produtos *z-avaliativos*, que admitem alterações formais à sua estrutura interna, relevando nomeadamente da flexão de género (*boamente*), no primeiro caso, e de número (*limõe-zinho-s*, *papei-zinho-s*), no segundo, comportando-se assim como se de sintagmas se tratasse. Curiosamente este fenómeno de dupla manifestação (interna e externa) de número não ocorre com outros *z*-derivados, terminados em *-zada*, *-zal*, *-zaria*, *-zeiro/a*, *-zice*, *-zismo*, quando igualmente impositivos e nas mesmas condições formais, o que aponta para uma diferente subcategorização dos produtos em análise.

Os compostos morfológicos, até pela natureza erudita de alguns dos seus constituintes, são de interpretação tanto mais unívoca quanto mais técnica, o que não significa interpretação acessível e facilmente descodificável pelo falante comum. A incapacidade de decompor formal e semanticamente *fungicida* ou *raticida*, atestada em provas de avaliação recentes de alunos universitários portugueses de Humanidades, são prova da opacidade de tais compostos. Por isso também o desconhecimento da significação de *hidro-* e de *-fugo* pode comprometer a compreensão de *hidrófugo*, em *materiais hidrófugos*. Mas já em *sapatologia*, área de estudo, de concepção, de criação de técnicas inovadoras de produção de calçado (*Expresso* de 26.11.05), a interpretação parece perfeitamente acessível a qualquer falante, mesmo que pouco diferenciado.

A (de)composicionalidade morfológica destes compostos é, pois, paralela à sua (de)composicionalidade semântica, uma vez conhecida a significação dos termos constituintes. Estes compostos são avessos a qualquer alteração da sua estrutura formal interna.

Os compostos sintagmáticos ou morfossintáticos situam-se tipicamente a meio caminho entre os compostos morfológicos e os compostos lexicais de estrutura "V-leve+nome".

De todas as modalidades de compostos sintagmáticos ou morfossintáticos considerados, os de estrutura VN são os que maior impermeabilidade revelam a qualquer alteração da sua estrutura configuracional.

Também os compostos NN (25) e NPrepN (26) acusam bastante resistência a modificações da sua estrutura, excepção conferida à marcação interna, no núcleo do sintagma, de número.

Os compostos NA, AN e NN elencados em (27) já permitem variação interna e externa de número e, quando referencialmente possível, também de género.

Mas em geral, as diferentes modalidades de compostos sintagmáticos são tipicamente avessas a qualquer outra modificação da sua configuração interna, seja no que diz respeito à determinação, à adjectivação, à modificação adverbial, à complementação, à coordenação, à substituição de um termo por um seu equivalente semântico, categorial e funcional. Os casos em que alguma destas possibilidades é viabilizada arriscam-se a comprometer a leitura convencional do composto (cf. *banda muito desenhada*), substituindo-a pela sua leitura literal e composicional.

As combinatórias sintagmáticas em apreço encontram-se, pois, lexicalizadas e cristalizadas, sendo formal e semanticamente opacas a alterações da sua estrutura.

Já os compostos lexicais em que se combinam verbos-leves e nomes revelam uma maleabilidade comportamental que contrasta de forma sensível com os compostos morfológicos e sintagmáticos ou morfossintáticos analisados. Assim é não tanto pelo facto de os compostos lexicais assentarem em processos sintácticos regulares e padronizados de formação de unidades lexicais, mas certamente por conterem um verbo-leve, como toda a versatilidade morfológica e a densidade argumental que os caracterizam, e um nome ou um sintagma nominal, também ele em muitos casos mais liberto de restrições combinatórias.

Ainda que haja diferenças no comportamento dos nomes de (31) e de (32), em função da sua própria natureza semântica, os compostos lexicais não acusam o mesmo grau de opacidade e de impermeabilidade a modificações na sua estrutura, admitindo determinação, quantificação, adjectivação, adverbialização, consoante os casos. Esta ductilidade é paralela a uma maior transparência semântica, corroborando a hipótese inicialmente colocada de que fixidez e opacidade formais acompanham fixidez e opacidade semântica e configuracional.

A semântica e a gramática das unidades lexicais analisadas, em qualquer das suas modalidades configuracionais e combinatórias, apresentam-se, pois, como dimensões convergentes e consonantes, assim assegurando a coesão interna de cada uma das peças do xadrez que o Léxico modeliza.

Referências bibliográficas

- Athayde, Maria Francisca M. Q.-P. de (2001), *Construções com verbo-suporte (Funktionsverbgefüge) do Português e do Alemão, cadernos do cieq, nº 1*, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Coimbra, MinervaCoimbra.
- Athayde, Maria Francisca M. Q.-P. de (2005), *Nomes predicativos em português e em alemão. Os nomes predicativos em construções com verbo-suporte preposicionadas do Português e do Alemão, cadernos do cieq, nº 15*, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Coimbra, MinervaCoimbra.
- Basílio, Margarida (1999), (org.), *A delimitação de unidades lexicais*, Rio de Janeiro, Ed. Grypho.
- Basílio, Margarida (2003), *Para além das fronteiras morfológicas: expressões com DAR e FAZER*. Trabalho apresentado na sessão de comunicações coordenadas «Expressões lexicalizadas de base verbal» ao *III Congresso Internacional da ABRALIN*, Rio de Janeiro, Março de 2003.
- Biderman, Maria Tereza Camargo (2005), «Unidades complexas do Léxico», in: Graça Rio-Torto et al (org.), *Estudos em homenagem a Mário Vilela*, Porto, Faculdade de Letras do Porto.
- Dias, M.C./ H. F. Martins (2001), «Expressões DAR+SN: Formações lexicais»? in: Maria Helena de Moura Neves (org.), *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*, Araraquara, Ed. Cultura Acadêmica, 169-175.
- Duarte, Inês (2003), «Verbos leves», in: Maria Helena Mira Mateus et al., *Gramática da língua portuguesa, 5ª edição, revista e aumentada*, Lisboa, Caminho, 311-314.
- Duarte, Inês/ Anabela Gonçalves/Matilde Miguel (2006), «Verbos leves com nomes deverbais em português europeu», *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Porto, 28-30 de Setembro de 2005), Lisboa, APL.

- Hundt, Christine (1995), «Expressões idiomáticas: estáveis e variáveis», *Actas do IV Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* (Universidade de Hamburgo, 6-11 Setembro 1993), Lisboa, Lidel, 157-166.
- Neves, Maria Helena de Moura (1996), «Estudo das construções com verbo-suporte em português», in: Ingedore Villaça Koch (org), *Gramática do português falado*, vol. VI: *desenvolvimentos*, Editora da Unicamp/Fapesp, 201-229.
- Rio-Torto, Graça (1999-2000), «Configurações sufixais e z-sufixais em português», *Revista Portuguesa de Filologia*, volume XXIII, 151-182.
- Rio-Torto, Graça (2002), «Flexão e derivação: simetrias e assimetrias», *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXIV, 253-289.
- Rio-Torto, Graça/ Isabel Pereira (2003), «Condições de ocorrência e estatuto de -z-sufixos em português», in: Ivo de Castro/Inês Duarte (orgs.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. II, 291-305.
- Rio-Torto, Graça (2004), «Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais», in: Graça Rio-Torto (coord.), *Verbos e nomes em português*, Coimbra, Livraria Almedina, 17-89.
- Rio-Torto, Graça (2005), «Estrutura categorial e formatação derivacional», *Miscelânea de Estudos IN MEMORIAM José G. Herculano de Carvalho. Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXV, 2003-2005.
- Rio-Torto, Graça (em publicação), *Léxico e gramática: identidade(s) e correlações*. Lição apresentada em provas de Agregação (Universidade de Coimbra, 26 de Julho de 2005).
- Sanromán, Álvaro Iriarte (2001), *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frases, pragmatemas*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- Villalva, Alina (2003), «Formação de palavras: composição», in: Maria Helena Mira Mateus et al., *Gramática da Língua portuguesa*, 5ª edição, revista e aumentada, Lisboa, Caminho, 971-983.